

## A CRIANÇA, O ADULTO E O INFANTIL NA PSICANÁLISE

*Germano Quintanilha Costa*

Desde a inauguração da psicanálise, através dos estudos de seu criador Sigmund Freud, a infância se difundiu e se impôs à cultura do século XX como um signo indelével da psicanálise. O caráter de indissolubilidade entre psicanálise e infância encontra explicação no fato de que, em seu momento inaugural, o discurso freudiano enuncia a infância como a base causal necessária para fundamentar a interpretação dos males da vida psíquica.

Num primeiro movimento em direção a uma abordagem do infantil, Freud (1893/1996) postulava uma cena de natureza sexual ocorrida na infância que, posteriormente na adolescência, assumia um poder mórbido de produzir sintomas psíquicos. Aqui o *infantil* é tomado como um *adjetivo* para se referir a um momento cronológico da vida do sujeito. Desconhecendo a presença da sexualidade no próprio funcionamento psíquico da criança, a infância é o palco de uma cena excessivamente sexual que chega ao psiquismo imaturo da criança com o impacto de um trauma. Como conseqüência, a criança sucumbe ao excesso da experiência sexual, trazida pela sedução de um adulto, aprisionando-a na teia diabólica de uma reminiscência que financiará todo o sofrimento neurótico do adulto (FREUD, 1893/1996)

Essa busca pelo infantil, ainda pelo viés da infância cronológica, é apenas uma primeira abordagem de Freud. Na verdade, é preciso reconhecer que existe dentro da própria teoria freudiana uma patente oscilação com relação à compreensão da *infância* e do *infantil*. Apesar da aparência enganosa das palavras, o fato é que, num primeiro momento, o *infantil* surgiu como uma função de *adjetivo*, o que foi posteriormente ultrapassado pelo seu caráter de *substantivo*. Nestas transmutações significantes, não

houve apenas uma questão de nomenclatura, esse deslizamento conceitual trouxe como consequência uma revolução dentro da própria psicanálise, através da qual uma nova leitura se processa sobre o sujeito, o sintoma e o inconsciente (BIRMAN, 1997).

Uma primeira torção do pensamento de freudiano envolve a afirmação de Freud feita à Fliess: *não acredito mais em minha neurótica*. Aqui, Freud cristalizava uma abrupta transformação: o campo do sexual era deslocado do registro da realidade material para o da realidade psíquica, e, com isso, o corpo passa a ocupar o lugar do erotismo franqueado pela fantasia. A infância foi então deslocada da compreensão genética e cronológica e passa a receber sua significação no campo do funcionamento psíquico. Nestes termos, o infantil pôde assumir a dimensão de um conceito na medida em que já era patente a sua diferença com relação à infância. Podemos dizer que o infantil deixa de ser visto como um acidente de percurso no desenvolvimento cronológico do sujeito. Ultrapassando as barreiras da cronologia, o infantil assume seu caráter mais indelével ao se mostrar como uma *vocação estrutural* do sujeito e do inconsciente (BIRMAN, 1997).

Uma segunda torção que o infantil sofreu na obra freudiana veio como consequência das reformulações da teoria pulsional. Inicialmente, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1915/1996)) estabelece uma posição definitiva para a psicanálise, pois ele faz do infantil um aspecto intrínseco à própria *pulsão sexual*. Assim, o fundamento do inconsciente e do desejo se encontrava nas pulsões polimorfais que constituíam a essência da sexualidade e do gozo humano. Não abandonando jamais o universo do desejo, o infantil ditava o tom do discurso do inconsciente, materializando-se simbolicamente nos sonhos, atos falos, chistes e sintomas.

Dos primórdios das investigações freudianas até os anos de 1920, o infantil se identificava com o desejo sexual e com o princípio do prazer como regulador do

funcionamento psíquico. No entanto, a partir de 1920, com a publicação de *Além do princípio do prazer* (1920/1996), a pulsão deixa de estar inteiramente a serviço da sexualidade em sua face erótica. Aqui a pulsão de morte surge como uma modalidade pulsional, que opera em oposição à pulsão de vida, fazendo com que o infantil seja catapultado do erotismo sexual para o campo da pulsão de morte. Assim, o infantil passa a se identificar “com o real da angústia e com o trauma, com aquilo capaz de lançar o sujeito no desamparo e de promover seu desfalecimento” (BIRMAN, 1997:24).

Essas torções possibilitaram que a psicanálise introduzisse a dimensão do erotismo como aquilo que vem possibilitar o advento do sujeito, na medida em que ela faz frente ao impulso à pulsão de morte. Contudo, apesar deste enlaçamento erótico constituir o motor da constituição do sujeito, ele não é capaz de evitar o encontro do sujeito com o traumatismo. O amparo do outro é imprescindível para que o recém-nascido possa manejar a pulsão de morte, porém o trauma é inevitável. A razão para esse trauma se encontra na lacuna ineliminável que surge entre o excesso pulsional, que atinge o corpo do bebê, e a linguagem que é incorporada do campo do Outro. Aqui é preciso ressaltar o fato de que os *representantes-representação*, na linguagem freudiana, e os significantes na linguagem lacaniana, chegam sempre atrasados na tentativa de dominar o impacto da força pulsional que transborda no real da angústia (BIRMAN, 1997)

Se de início o trauma tinha sua gênese na sedução real, visto como um excesso de erotismo, agora o trauma era visto como fruto de um encontro com o real (no sentido lacaniano) da sedução, isto é, com a face hedionda e mórbida da pulsão. A sedução agora não era mais habitada pelo erotismo, ela encarna o poder da morte, do excesso pulsional impossível de ser absorvido pela linguagem do sujeito. Sendo assim, “a

sedução nos reenvia para além daquele beijo, para algo que se desloca do calor úmido da carícia para o que há de frio e de árido no horror da morte” (BIRMAN, 1997, p. 26).

Como conseqüência dessa constituição, que se dá ao mesmo tempo no plano pulsional e da linguagem, o infantil revela e encarna a situação de desamparo do sujeito frente à “exigência de trabalho da pulsão” (FREUD, 1915/1996). A teoria freudiana nos permite afirmar, portanto, que o sujeito é infantil por vocação e não por contingências em seu desenvolvimento cronológico-evolutivo. Contudo, se em Freud, o infantil não chegou a ter um lugar destacável enquanto conceito, a partir do ensino de Lacan, ele recebe importância e especificidade conceitual, o que acaba por articulá-lo a outros conceitos não menos cruciais, tais como o de sujeito e de estrutura.

Através de suas elucidações sobre os processos estruturantes do sujeito, Lacan (1985) nos permite empreender uma distinção necessária entre os conceitos de *infância* e *infantil*. No universo cotidiano, os termos *infância* e *criança* refletem uma concepção comum à psicologia desenvolvimentista, na qual o organismo e o cognitivismo se desenvolvem desde uma imaturidade até uma maturação (SAURET, 1977). Porém, a lógica que se aplica a este tipo de desenvolvimento cognitivo, não é mesma que pode explicar a categoria de sujeito na psicanálise. O sujeito é uma conceituação da psicanálise que aponta para o funcionamento de um discurso do inconsciente, este, porém não se desenvolve, ele se constitui num processo, cujo tempo lógico é singular. É neste processo que o infantil deve ser compreendido em sua relação com o conceito de *estrutura*.

Para explicar a constituição do sujeito, Lacan formaliza aquilo que Spitz abordou com seus estudos sobre o hospitalismo: é preciso que à necessidade se acrescente a demanda para que advenha o sujeito disjuncto do gozo. Isso quer dizer que o recém-nascido é um organismo que chega ao mundo sendo recebido por um Outro que encarna

o campo simbólico. Uma vez situado dentro deste campo, acontece que aquilo que do organismo puder ser capturado pela linguagem será o que permitirá o advento de um sujeito. No entanto, aquilo que do organismo não puder ser dito pelo simbólico passa a estar no campo do que Lacan chamou de registro do real, do gozo, da pulsão sem representação, enfim da pulsão de morte (SAURET, 1998).

Em *Os complexos familiares*, Lacan (1985) salienta que o bebê humano nasce bastante prematuro, o que o faz extremamente desamparado e dependente do Outro. Sendo o instinto incapaz de responder às questões cruciais do ser humano, será pela via da pulsão que o sujeito vai se constituir, sendo que a pulsão é justamente esse “silêncio da anatomia em resposta às questões do sujeito” (SAURET, 1998). Será por um processo de erotização dos cuidados maternos que a criança passará o registro da necessidade orgânica para o campo de uma demanda de amor endereçada a este primeiro Outro que o cuidou. Instaurado a demanda, a criança passa a não incorporar somente atributos alimentares, mas os significantes presentes no discurso deste Outro. No entanto, apesar de estar alienada a rede de significantes do Outro isso não garante à criança um preenchimento do silêncio pulsional. O complexo de Édipo é justamente o tempo em que o sujeito se estrutura, através de um ato de resposta. Diante da pulsão, o sujeito questiona o significante e assume ou a aceitação ou a recusa das marcas simbólicas vindas do Outro. Isso significa que através de um processo de alienação e separação com o campo do Outro, o sujeito se constitui diante uma escolha que o força a se deixar afetar pelo significante, na medida em que isto lhe obriga a viver amputado de seu “ser de gozo”.

Freud identificou essa *falta-a-ser* à essência do ser humano e chamou-a de “*desejo*”, enquanto Lacan a chamou de “*gozo*”, compreendendo-o como uma substância negativa que o sujeito encontra como lhe fazendo fundamentalmente falta. Desse modo,

o infantil é aquilo que podemos conceitualmente extrair dessa divisão entre pulsão e linguagem, oriunda do processo em que a necessidade é transportada para o campo da demanda. Como o sujeito só pode se estruturar a partir de um amputamento de seu ser de gozo, o infantil é o que está envolvido na condição faltosa que move a constituição do sujeito. A invenção freudiana, dita na linguagem de Lacan, é a de que o infantil é aquilo que da criança não se desenvolve, porque se trata daquilo que o sujeito é como gozo ineliminável, que ele deve ao fato de ser um ser falante (SAURET, 1998). Não podendo separar-se de seu infantil irreduzível, resta-lhe o recurso do recalçamento, que localiza o infantil como traço de perversão no fantasma.

Para concluir vamos de lançar mão de uma idéia, desenvolvida por Serge Leclaire (1977), para embasarmos nossa aposta diante do infantil. Para Leclaire, a *criança*, enquanto representação do narcisismo primário, presentifica-se ambigualmente com uma face de *maravilha* e de *terror*. A criança *maravilhosa* é a nostalgia do olhar materno que faz dela um extremo de esplendor, uma jóia cintilante de poder absoluto; mas ela é também a criança *aterrorizante*, abandonada diante do terror e da morte. Na sua opinião, a prática psicanalítica consiste portanto:

...em tornar manifesto o trabalho constante de uma força de morte: esta que consiste em matar a criança maravilhosa (ou aterrorizante), que, de geração em geração, testemunha acerca dos sonhos e desejo dos pais; só a vida a esse preço, pela morte da imagem primeira, estranha, na qual se inscreve o nascimento de cada um. Morte irrealizável, mas necessária, pois não há vida possível, vida de desejo, de criação, se cessarmos de matar a “criança maravilhosa” que renasce sempre (LECLAIRE, 1977, p. 10).

Diante do infantil, o psicanalista deve estar atento ao seu caráter ambíguo, pois, ao mesmo tempo em que é preciso não parar de efetuar a morte da criança, é preciso reconhecer que isso é da ordem do impossível, pois o infantil é onipotente. A complexidade da experiência analítica envolve o fato de que renunciar a esta *criança*

seria o mesmo que não encontrar razão para viver; mas fingir conservá-la seria condenar-se a não viver. Existe para cada analisando uma criança a matar, um luto a cumprir e a refazer continuamente; uma luz de gozo imóvel que precisa se ofuscar para que então o desejo do sujeito possa voltar a brilhar (LECLAIRE, 1977).

Temos como proposta a atitude de não tomar a ambigüidade freudiana como uma falha diante do infantil. A “criança”, no sentido freudiano, habita no adulto também. O sintoma é uma marca da criança que habita no sujeito: a impulsividade, a inveja, o ciúme, o medo de crítica, a dependência, tudo isso constitui rastros que são deixados por uma criança que está viva no inconsciente do adulto. No entanto, a análise efetua uma morte dessa criança e propicia o renascimento do infantil enquanto condição do desejo. A travessia da fantasia remete a uma queda do que se refere àquilo que fixa o sujeito na neurose da infância cronológica, fazendo surgir um sujeito que se sustenta, não mais em sua alienação ao Outro, mas naquilo que surge da depuração da fantasia: o desejo. Lançamos então nossa aposta de que, através de Lacan, podemos extrair de Freud a constatação de que, ao se atravessar uma análise, o que surge no discurso do analisando é o sujeito do inconsciente, sujeito do desejo, sujeito este que possui em sua estrutura algo do *infantil*.

## **BIBLIOGRAFIA**

BIRMAN, J. Além daquele beijo!? - sobre o infantil e o originário em psicanálise. In: SANTA ROZA, E. **Da análise na infância ao infantil na análise**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997.

FREUD, S Os mecanismos psíquicos dos fenômenos histéricos (1893) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Três ensaios da Teoria da Sexualidade (1905) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer (1920) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996..

\_\_\_\_\_ Os instintos e suas vicissitudes (1915) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LECLAIRE, S. **Mata-se uma criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

SAURET, M-J. **O infantil e a estrutura**. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise – SP, 1998.

## **SOBRE O AUTOR**

**Germano Quintanilha Costa**. Psicanalista e Psicólogo. Professor Assistente do curso de Psicologia do Departamento de Fundamentos das Ciências da Sociedade da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes. Coordenador do grupo de pesquisa intitulado “*Da temporalidade cronológica à estrutura do sujeito: a dimensão do infantil na psicanálise*”. Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Campos dos Goytacazes, RJ.